

UNIVERSIDADE e SOCIEDADE 75

ANO XXXV • Nº 75 • JANEIRO DE 2025

ISSN 1517 • 1779



**A luta por condições de trabalho e
carreira docente na defesa do projeto
de universidade e de educação
para a sociedade brasileira**

Sindicato de trabalhadores da educação e novos territórios de luta na defesa coletiva da saúde a partir da pandemia

Alzira Mitz Bernardes Guarany
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: aguarany@gmail.com

Katia Reis de Souza
Fundação Oswaldo Cruz
E-mail: katia.reis@fiocruz.br

Resumo: O principal objetivo do presente estudo consiste em identificar estratégias sindicais de comunicação, utilizadas durante a pandemia, para a defesa coletiva da saúde com foco nas ações telemáticas empreendidas pelo Sindicato dos trabalhadores em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quanto à metodologia, realizou-se uma pesquisa social de caráter qualitativo e de natureza participativa, convalidando a importância de estudos que promovam a vinculação entre ciência e movimentos sociais. Foram realizadas seis entrevistas, cujos resultados asseveram que as tecnologias digitais suscitaram novos territórios políticos de caráter informacional. Ao fim, verificou-se que a era digital traz novos desafios aos sindicatos e novos modos de conectividade com a base. Tratam-se de potencialidades emancipatórias do nosso tempo para o enfrentamento político e a luta anticapitalista.

Palavras-chave: Sindicato; educação; tecnologia; pandemia.



Introdução

Desde o início dos anos de 1990 ouve-se que a era digital e as tecnologias telemáticas vieram para ficar. Autores, como Pochmann (2023), afirmam que se vive, no capitalismo do século XXI, um período de transição da era industrial para a digital, no qual o trabalho, como centro, precisa ser analisado em perspectiva crítica. Segundo Pochmann (2023), as tecnologias de informação e comunicação têm levado à prevalência do trabalho conectado à internet, compreendido por ser virtual, como trabalho imaterial.

Crary (2023) assevera que vivemos em tempos de emergência do complexo internético, marcado pela desintegração dos laços

de proximidade e pelo isolamento social associado ao uso intensivo das mídias sociais. Para o autor, esse complexo se tornou, rapidamente, parte essencial da austeridade neoliberal ao promover a continuada erosão da sociedade civil, fomentando a crença de que já não dependemos uns dos outros, “de que somos administradores autônomos de nossas próprias vidas” (Crary, 2023, p. 21). Assim, Crary (2023) analisa criticamente a ideia de internet como esfera pública, como campo supostamente igualitário e horizontal. Essa vertente encobre toda e qualquer mensagem que remeta à luta de classes em um momento histórico em que os antagonismos de classe estão mais ativos do que nunca. Ante esse cenário, indaga-se sobre como tornar as mídias comunicacionais e as tecnologias virtuais fa-

voráveis aos movimentos e ações contra-hegemônicas na era digital?

Importa considerar que a pandemia de Covid-19 alterou de forma estrutural as dinâmicas sociais, organizacionais e coletivas ao redor do globo. Organizações políticas, como sindicatos de trabalhadores, tiveram que enfrentar novos desafios, já que se viram impedidos de manter as estratégias e os instrumentos clássicos de organização, comunicação e mobilização presencial dos seus integrantes diante das medidas sanitárias de isolamento e de distanciamento social como forma de preservação da saúde e da vida. O cenário de crise sanitária internacional perdurou entre março de 2020 e maio de 2023, impondo a necessidade de ampliação dos espaços de lutas e disputas sindicais com o uso crítico e criativo do ciberespaço e dos recursos digitais imagéticos para manutenção das atividades e comunicação com a base de trabalhadores. Trata-se de novos modos de conectividade, humana e social, que, segundo Harvey (2016), possuem potencialidades emancipatórias para o enfrentamento político e para a luta anticapitalista.

Desde a assunção do neoliberalismo no Brasil, os sindicatos vêm enfrentando uma grave crise, motivada por questões internas e externas (Alves, 2000; Guarany, 2016). No tocante à educação pública, a consolidação da estratégia do capital nos anos 1990 (Antunes, 2009) tornou programático o desinvestimento no setor, especialmente na educação superior, orientado por cânones do mercado e de organismos internacionais. É digno de nota, por exemplo, o extenso diagnóstico elaborado pelo Banco Mundial (1995), no qual afirmava a decadência sem precedentes da educação superior nos países periféricos e emergentes, inclusive o Brasil, destacando que a presença da iniciativa privada reverteria esse cenário com a justificativa de salvar

a educação, por meio de privatizações e em-presariamentos, passaram usá-la como mercadoria e espaço de promoção do lucro e da valorização do capital.

No plano histórico, os sindicatos vinculados à educação superior pública sofrem com a diminuição sistemática das verbas orçamentárias (SINTUFRJ, 2022a), o que se aprofundou em cenário pandêmico. Nesse período, além das pautas de lutas sindicais clássicas, como melhoria da carreira, dos salários e das condições de trabalho, novos pontos reivindicatórios se impuseram, como a vigilância dos novos processos de trabalho de caráter tecnológico. Soma-se a tudo isto a dificuldade de comunicação, necessária para se manterem conectados com as suas bases.

Assim, entre os meses de março de 2020 e março de 2022, grande parte das instituições públicas de ensino superior no país adotou o trabalho e o ensino remoto de modo emergencial para enfrentamento dos riscos suscitados pelo novo coronavírus. No tocante, especificamente, à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ainda em março de 2020, a reitoria suspendeu as atividades de ensino e deliberou que apenas as unidades hospitalares se manteriam em funcionamento. Foi demandado o retorno presencial de trabalhadores considerados essenciais, alguns em sistema de rodízio (SINTUFRJ, 2020b).

Todavia, pressões exercidas para a retomada do trabalho presencial, bem como a adoção de políticas erráticas, ausência de diálogo e ameaças contínuas por parte do governo federal, impuseram a urgência da mobilização sindical para organização da categoria e posicionamento diante do cenário de incertezas sanitárias e intransigências políticas. Destaca-se nesse sentido, protestos ante a possibilidade de redução remuneratória que o governo queria impor a quem se encon-

trasse em situação de trabalho remoto (FORMAS, 2020). Assim, era categórica a necessidade do debate e da reflexão democrática com a base de trabalhadores à luz dos avanços da ciência em contraposição à ideologia do negacionismo (Charlot; Capua, 2021). O clima de ameaças e dúvidas em relação ao trabalho em universidades emergia junto ao desconhecimento do próprio vírus (SARS-COV-2), bem como à readaptação ao trabalho em ambiente remoto e à adoção de protocolos sanitários validados pela comunidade acadêmica (FIOCRUZ, 2020).

Disseminava-se a temeridade em relação ao trabalho presencial e a eficácia de equipamentos de proteção coletiva e individual. No tocante ao trabalho em ambiente digital, colocava-se a carência de debates sobre as consequências do uso intensivo e disruptivo de tecnologias na rotina laboral em universidades, com destaque para a situação de saúde mental dos trabalhadores. Não obstante, federações e sindicatos realizam a chamada “Greve pela vida”, já no ano de 2020 (Souza *et al.*, 2021).

Importante destacar que, no presente artigo, usaremos o termo tecnologia conforme a acepção de Harvey (2020, p. 93) que se constitui como “[...] o uso de processos e coisas naturais na fabricação de produtos para propósitos humanos”. As tecnologias são utilizadas na produção de mais valor e para expurgar trabalho vivo, e, portanto, para controle, intensificação do trabalho e aumento do lucro (Marx, 2004; Harvey, 2020). Todavia, em contraposição, lança-se mão do seu uso com propósitos contra-hegemônicos (Bruno *et al.*, 2018; Harvey, 2020), tal qual aconteceu durante a pandemia por parte de sindicatos de trabalhadores da educação.

Fato é que, no final do mês de junho de 2020, um grupo de lideranças sindicais,

de escolas públicas e privadas reuniu-se com representantes de universidades, estudantes e associações docentes, de funcionários e de mães e formaram o Movimento e o Comitê “Em Defesa da Vida”, elaboraram e divulgaram um documento intitulado “Defender a vida na pandemia: por que não é hora de voltar” (SINTUFRJ, 2020c). O conteúdo do documento toma por base, principalmente, as orientações e pareceres da OMS (2020) e a nota técnica da Fiocruz (2020), baseando-se em orientações científicas oficiais. O ponto alto do Movimento “Em Defesa da Vida” foi a realização de plenárias virtuais, configurando a consolidação de novos territórios de organização e lutas sociais (Souza *et al.*, 2021).

Parece correto afirmar que movimentos de trabalhadores de universidades buscavam, em meio à crise sanitária, a consolidação do papel pedagógico dos sindicatos de trabalhadores da educação (Freire, 2015) com o uso de ferramentas telemáticas, mas com dúvidas acerca dos caminhos e estratégias a serem adotados.

Destarte, o principal objetivo deste estudo consiste em identificar estratégias sindicais de comunicação virtuais, utilizadas durante a pandemia, para a defesa coletiva da saúde com foco nas ações telemáticas empreendidas pelo Sindicato dos trabalhadores em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Sintufrj). A relevância da investigação deve-se à ausência de estudos realizados com sindicatos de trabalhadores docentes e não docentes de universidades durante o período pandêmico.

Quadro metodológico

Em primeiro plano, afirma-se, como pressuposto teórico, que as tecnologias digitais suscitaram novos territórios políticos

de caráter informacional, gerando o que Bruno *et al.* (2018) convencionaram chamar de “tecnopolíticas”. Conhecer e atuar no ciberespaço constitui-se como novo desafio para movimentos sociais e sindicatos de trabalhadores.

Adotou-se o materialismo histórico como âncora teórico-metodológica para interpretação da realidade. Nessa perspectiva, podem-se identificar contradições sociais e paradoxos no uso das tecnologias, de um lado para dominação e controle dos trabalhadores e do outro pelo seu potencial para a construção de resistências e fortalecimento da luta coletiva (Harvey, 2020).

No que concerne ao balizamento conceitual alusivo à saúde, valeu-se do aporte do campo da saúde do trabalhador. Nessa vertente, interpreta-se que a saúde, em perspectiva coletiva, encontra-se profundamente conectada com a ideia de promover processos de lutas e movimentos de defesa da saúde em articulação com organizações de trabalhadores (Laurell; Noriega, 1989). O que é convergente com a acepção de Marx e Engels (2010), na qual se entende que o êxito da união dos trabalhadores em partidos políticos ou em sindicatos, nacionais e internacionais, torna mais forte as lutas da classe trabalhadora contra a exploração do modo de produção capitalista. Assim, adota-se a perspectiva marxista de que os sindicatos são, acima de tudo, um instrumento coletivo de luta que amplia a autoconfiança dos trabalhadores e a sua consciência de classe (Bottomore, 1983). Ademais, advoga-se a tese de que os sindicatos, como movimentos de organização política dos trabalhadores, são parceiros essenciais na defesa coletiva da saúde no trabalho (Souza *et al.*, 2017).

No tocante ao percurso metodológico, realizou-se uma pesquisa social de caráter

qualitativo (Minayo, 2014) e de natureza participativa, já que ratifica a importância e necessidade de que as pesquisas promovam a vinculação entre ciência e movimentos sociais para ações de caráter emancipatório, que forjem conhecimentos capazes de fortalecer os sujeitos sociais coletivos (Brandão; Streck, 2006). Adotou-se como estratégia de estudo a realização de entrevistas individuais, lançando mão de roteiro de pesquisa semiestruturado, com lideranças do Sintufrj, notadamente, aquelas que se encontravam em exercício de direção sindical no período da pandemia, de março de 2020 a março de 2022.

Quanto ao procedimento de entrevista, foram realizadas 6 no total, após o aceite dos entrevistados registrado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas de forma remota, pois nem todos haviam retomado as atividades presenciais, a duração foi de até uma hora e meia cada uma, o que gerou algo em torno de 16 horas de gravação. Esse material foi transcrito para identificação dos temas relacionados à tecnologia e às saídas encontradas na fase de emergência sanitária.

A escolha pelo período pandêmico justifica-se, considerando que foi nesse momento que a luta sindical no ciberespaço ganhou importância em cenário nacional e internacional. Quanto à escolha pelo Sintufrj se deu em função da proximidade, desde 2019, entre pesquisadores e sindicalistas, por ocasião de parceria em ações de extensão universitária para enfrentamento às violências laborais e assédio moral no trabalho. Esse sindicato reúne servidores públicos, docentes e não docentes, da maior universidade federal do país em um percurso de mais de 30 anos de história e luta. Até o período em que a pesquisa foi realizada congregava em torno de 13.200 trabalhadores filiados em um universo próxi-

mo de 20.300 servidores, entre ativos e aposentados, à época.

Complementarmente, realizou-se pesquisa documental, em jornais físicos e virtuais, documentos como atas de reuniões, vídeos públicos disponibilizados, registros de moções, dos congressos e publicações produzidos pelo sindicato durante os meses de março de 2020 a março de 2022. A pesquisa documental caracteriza-se, segundo Marconi e Lakatos (1986), pelo estudo de materiais escritos que ainda não foram sistematizados, definindo-se como fonte primária de pesquisa. Portanto, os registros nos sites oficiais e no acervo material do sindicato participante podem ser classificados como “arquivos públicos”, ou seja, documentos que se encontram em livre acesso para consulta.

O critério de inclusão dos entrevistados foi ser diretor do Sintufrj durante o mandato de 2018 a 2022, período que compreendeu a pandemia. A técnica adotada para a inclusão dos participantes foi a Bola de Neve, que é uma “amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência [...] que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo” (Vinuto, 2014). Essa técnica permite que o entrevistado sugira nomes de outras pessoas que podem ter informações inusitadas e que possam colaborar com a investigação. Os convites foram realizados por e-mail e contato telefônico. O estudo recebeu aprovação do CEP da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca com o número 6.274.056.

As entrevistas foram guiadas por um roteiro semiestruturado, organizado a partir de 3 eixos: a) perfil pessoal e social, com perguntas sobre idade, formação, ocupação, gênero e pertença de cor/raça, conforme classificação do IBGE; b) perfil de militância, cargo no

sindicato e tempo de vínculo ao sindicato; e por fim c) o eixo com perguntas específicas sobre as ferramentas e estratégias coletivas utilizadas durante o período em que vigorou as recomendações de isolamento e posteriormente de afastamento social, bem como suas percepções sobre desafios e possibilidades que foram postas ao sindicato nesse período.

Dos seis entrevistados, quatro eram mulheres, dirigentes à época, com idade média de 65 anos. Tivemos no grupo dois homens, ambos funcionários do sindicato ligados à área de informação e comunicação sindical, sendo um chefe deste setor e outro assessor. Todos os entrevistados possuíam larga experiência na militância. A pessoa que tinha menos tempo já estava no movimento há 13 anos. Quanto ao tempo de gestão sindical, metade atuava pela primeira vez como dirigente, as outras já tinham atuado na gestão sindical em pelo menos outras três vezes. No quesito de autodeclaração cor/raça metade se autodeclarou como brancos e a outra metade como negros. Apenas dois não possuíam ensino superior.

Depois de transcritos, os textos das entrevistas e os materiais oriundos do levantamento documental foram sistematizados como *corpus* de pesquisa e analisados pela técnica da Análise do Discurso (Gill, 2021). Do ponto de vista epistemológico Gill (2021) reafirma que, na tradição da Análise do Discurso (AD), o conhecimento é socialmente construído e que discursos são formas de ação e sempre circunstanciais. De acordo com a autora, o termo “discurso” é empregado para se referir a todas as formas de fala e textos. Assim, a AD constituiu-se, notadamente, pela interpretação fundamentada e cuidadosa do material que está sendo analisado. Para organização e análise do *corpus* de pesquisa, adotou-se como procedimento a seleção e agrupamento categórico de excertos e maté-

rias conforme significado e de acordo com o objetivo do estudo, compondo as seguintes categorias empíricas que formaram o escopo de interpretação dos dados: Depois do susto, a (re)ação; Novas e antigas estratégias de comunicação sindical; A saúde como pauta da comunicação sindical.

Para proteção dos entrevistados usou-se um código alfanumérico que representa a ordem cronológica das entrevistas, seguida de duas letras referentes a ser mulher ou homem e servidor da universidade ou funcionário do sindicato. Assim, o primeiro entrevistado foi denominado por Entrevista 1MS, o segundo por Entrevista 2MS e assim, sucessivamente, até a Entrevista 6, última entrevista realizada.

Destarte, adotou-se a seguinte pergunta principal de pesquisa: Que estratégias foram adotadas pelos sindicatos de trabalhadores da UFRJ (Sintufrj) para comunicação, atendimento e mobilização da base no triênio pandêmico, sem desrespeitar medidas sanitárias protetivas?

Resultados e Discussão do campo de estudo

Dos resultados obtidos com as entrevistas e o levantamento documental nos sites do sindicato, observou-se uma miríade de aspectos que expressam a linha política sindical adotada durante a pandemia, fortemente marcada pela abordagem da crítica social e defesa da classe trabalhadora.

Depois do susto, a (re)ação

Na vida moderna, o uso das tecnologias, inclusive de informação e comunicação, se tornou cada vez mais indispensável, principalmente durante a pandemia. Mas, não sem

custos. Os sindicatos emergem no horizonte da sociedade moderna como sujeitos coletivos capazes de lutar em nome dos trabalhadores contra as violências perpetradas pelo capitalismo na esfera do trabalho, impondo-lhes limites, já que o sistema do capital tem em sua essência a violência contra os que vivem do trabalho, começando pela expropriação, seguindo com a alienação, a subsunção e a exploração da mais-valia (Marx, 2004). Mesmo não tendo natureza revolucionária (Marx; Engels, 2007), interpreta-se que os sindicatos têm importantes papéis a serem destacados, entre eles, a sua função pedagógica junto aos trabalhadores, pois podem prepará-los politicamente para lutas, necessárias e contínuas. Não obstante, a irrupção da pandemia trouxe novos desafios para a ação sindical.

[...] os sindicatos [...] foram afetados diretamente e para quem estava na gestão. [...] Foi um grande desafio. Como você manter um sindicato atuante? [...] Como que a gente vai continuar atuando em defesa dos trabalhadores e estando distantes? (Entrevistado 1MS)

[...] de uma hora para outra, literalmente de um dia para o outro, nós tivemos que construir políticas que nos fizesse continuar funcionando. Então era, foi impactante [...] (Entrevistada 3MS).

No decurso das entrevistas, verificou-se que o sindicato já empregava algumas tecnologias digitais em seu cotidiano antes mesmo da pandemia. Contudo, foi na pandemia que se viram desafiados e impelidos a buscar alternativas para manter a resistência diante dos ataques contra as universidades, que se fizeram mais intensos nesse período, devido ao projeto ultraneoliberal capitaneado,

principalmente, pelo Governo do presidente Bolsonaro. Importa destacar que, desde a primeira hora, esse governo se apresentou ideologicamente negacionista, contrapondo-se às recomendações da OMS e agindo de forma a desacreditar as indicações procedentes da ciência, como a necessidade da vacinação e do uso de máscaras como medidas protetivas e de contenção da propagação do vírus. De acordo com Moreira *et al.* (2022) politizou-se ao máximo a pandemia no Brasil, exigindo que sindicatos se reinventassem ante a conjuntura conturbada vivida no início do ano de 2020. Instalou-se uma crise sanitária com poucos precedentes na história da saúde pública no Brasil.

A direção sindical foi meio que obrigada na marra, num curtíssimo espaço de tempo, a sair da sua zona de conforto [...] (Entrevista 4HF).

Se viram impelidos a buscar novas ferramentas e estratégias para manterem-se ativos, lutando pelos direitos dos servidores e protestando e em contato com sua base, mobilizando-a e orientando-a, [...] de uma hora para outra, literalmente de um dia para o outro, nós tivemos que construir políticas que nos fizessem continuar funcionando (Entrevista 3MS).

Se o primeiro momento foi de perplexidade com a decretação da pandemia, esperava-se que o retorno à normalidade fosse rápido como um período de “miniférias até o apocalipse zumbi passar” (Entrevista 4HF). Porém, logo se viram forçados a buscar coletivamente formas de se manterem ativos e em contato com sua base.

Primeiro que a gente não tinha, nem ninguém tinha a proporção de quanto tempo de como seria? [...] como seria

feito pelo Governo Federal a proteção da sociedade. E aí começou um processo de como a gente e se organizava? Porque ninguém tinha noção [...] o impacto foi assim. Foi grandioso porque, a começar pela falta de noção do que nos aguardava (Entrevista 2MS).

Ainda sem ideia concreta do que se enfrentava e por quanto tempo, o sindicato, que estava vinculado a uma das maiores universidades do país, buscou interlocução interna com pesquisadores da área da saúde da própria instituição, para saber mais sobre os riscos e os cuidados necessários a serem tomados: “[...] começamos a construir alternativas e com muito diálogo com a instituição” (Entrevista 3MS).

Por certo, identificou-se durante as entrevistas que pesquisas realizadas no período e informações oriundas de estudos acadêmicos proporcionavam alento em um contexto de incertezas e insegurança. A realização de “lives” foi uma estratégia amplamente utilizada pelos sindicatos para debates e socialização do conhecimento, a partir da adoção de artefatos tecnológicos que viabilizaram a comunicação digital, adotando a preocupação de segurança telemática. Afinal, participantes de grupos de extrema-direita estavam praticando invasões, em atividades on-line, a diferentes instituições universitárias no período (Moreira *et al.*, 2022).

O trabalho remoto foi adotado em quase todas as universidades públicas como uma forma de tentar manter, minimamente, uma rotina no que foi chamado de “novo normal”. Os sindicatos se viram em uma situação muito delicada, pois estavam impedidos de continuar a utilizar as formas clássicas adotadas até então para mobilização, debates, reuniões e mobilização. Ao panorama distópico da pandemia se somou o já tão desafiador con-

texto vivido pela classe trabalhadora, no século XXI, por meio das mudanças estruturais fomentadas pelo neoliberalismo na esfera do trabalho, como o desemprego estrutural e a precarização das relações de trabalho (Alves, 2000; Guarany, 2016).

Sem dúvida, a pandemia complicou ainda mais as dificuldades, de ordem interna e externa, que os sindicatos enfrentavam, como por exemplo, o declínio da filiação sindical. Autores como Alves (2000), Guarany (2016); Santana e Ramalho (2003) chamam atenção para a crise do movimento sindical brasileiro e para a falta de consenso sobre as estratégias que devem ser utilizadas para superá-la. Esse é um debate que se impõe como essencial no século XXI para a sobrevivência e resistência da classe que vive do trabalho (Antunes, 2009). De acordo com a Pesquisa Nacional de amostras de Domicílio – PNAD Contínua, produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), 2013 foi o último ano em que se registrou crescimento no número de trabalhadores sindicalizados. Parece correto afirmar que essa queda também possui relação com o desemprego estrutural e a precarização das relações de trabalho, aprofundados com a assunção formal da política neoliberal no país, mas também com transformações profundas ocorridas do mundo do trabalho, como o crescimento do trabalho por plataformas (Guarany, 2016).

Novas e antigas estratégias de comunicação sindical

Entende-se que as contradições sociais são possíveis oportunidades históricas de avanços sociais (Marx; Engels, 2007). Harvey (2020) assevera que, entre as 17 contradições do capitalismo contemporâneo do século XXI, as tecnologias se constituem como uma con-

dição central a partir da incapacidade do capital de utilizá-las a serviço da coletividade e do bem comum. Destarte, o autor advoga que, especialmente, as tecnologias da comunicação devam se tornar ferramentas para ações políticas de caráter anticapitalistas, considerando que, em seu cerne, há “potencialidades emancipatórias” (Harvey, 2020, p. 109), representando uma oportunidade de criar e construir a resistência em perspectiva contra-hegemônica.

No primeiro quartel do tempo pandêmico, buscou-se manter a proteção dos trabalhadores da universidade pela via jurídica e, menos de um mês depois, o sindicato já divulgava um Boletim Diário na sua página da internet que traria informes sobre a situação sanitária, econômica e política do país e suas consequências para os servidores. Esse canal acabou por ser incorporado à rotina do sindicato, como forma de agilizar a comunicação com os servidores (SINTUFRJ, 2024).



Fonte: Sintufrj.

Outra iniciativa imediata foi a criação de um Fórum de Mobilização e Ação Solidária – FORMAS, que reuniu diversos representantes da comunidade acadêmica, tais como, a associação dos trabalhadores terceirizados, os representantes dos alunos de graduação

e pós-graduação, servidores e professores, com o objetivo de realizar iniciativas de solidariedade com vistas a apoiar aqueles que estivessem em situação de vulnerabilidade em função da emergência sanitária enfrentada, doando roupas, alimentos e equipamentos individuais de proteção, além de defender o “[...] emprego de um método científico, pautado por valores democráticos, empáticos e socialmente responsáveis” (FORMAS, 2020a).



Fonte: Informe Sintufrj.

As ações, denúncias e pressões eram também divulgadas em Boletins Especiais que receberam, igualmente, a denominação de “FORMAS”, descritos como: veículo ativo que associa a solidariedade às bandeiras comuns, como defesa da ciência, das universidades públicas, da vida e dos direitos dos trabalhadores, e do método possível de con-

tenção da propagação do coronavírus (FORMAS, 2020a).

Observou-se, nas matérias publicadas pelos canais de comunicação do Sintufrj, a preocupação com as formas de precarização do trabalho e a solidariedade à luta organizada dos trabalhadores com vínculos precários diante do crescente processo de “uberização” do trabalho. Trabalhadores e trabalhadoras superexplorados que não são protegidos pelos movimentos organizados em seu formato tradicional.

Passados alguns meses e havendo mais conhecimento científico sobre o que se enfrentava, o sindicato chamou os servidores para uma carreata em outubro de 2020. Já que respeitava o distanciamento, a carreata seria uma forma de mantê-lo. Nesse movimento houve adesão não só de carros, mas até de trabalhadores em suas bicicletas. Nesse ponto vale mencionar a experiência do SindSaúde-SP (Trópia, 2022) que inovou, também, na forma de atender os trabalhadores da saúde de sua base ao criar o projeto “Sindicato Móvel”, que consistiu na transformação de um veículo numa espécie de sede móvel do sindicato. O projeto foi pioneiramente implementado na Baixada Santista e o veículo era estacionado próximo a hospitais em determinados horários para atendimento às dúvidas e demandas jurídicas dos profissionais da saúde.

No que tange à mobilização e se manter combativo e alerta, o Sintufrj lançou mão de um caminhão equipado com um painel de LED que rodou a cidade divulgando o protesto: “Vacina no braço, comida no prato”. Segundo os entrevistados, foi uma campanha, cunhada por eles, que ganhou repercussão nacional.



Fonte: Site Sintufrrj.



Fonte: Site Sintufrrj.

Utilizaram ainda para projeções em prédios e painéis de LED em prédios públicos.



Fonte: Site Sintufrrj.



Fonte: Site Sintufrrj.

Em 2021, ainda em regime de trabalho em modo remoto para a maioria da comunidade acadêmica, os dirigentes fizeram um protesto diferente, mas muito oportuno, contra os ataques impostos ao serviço público pela Proposta de Emenda Constitucional – PEC 32, de reforma administrativa. Tramitando no Congresso Nacional desde setembro de 2020, essa proposta, segundo Oreiro e Ferreira-Filho (2021), não soluciona a questão dos gastos, nem dá conta das distorções salariais. Em verdade, segundo os autores:

[...] enfraquece o poder de intervenção do Estado Brasileiro sobre o sistema econômico, diminui a autonomia dos servidores públicos, e desestimula a contratação de funcionários públicos qualificados [...], tendo como provável consequência a redução da oferta e da qualidade dos serviços públicos. [...] o resultado da reforma administrativa seria, no mínimo, o enfraquecimento do Estado do Bem-Estar Social no Brasil (Oreiro; Ferreira-Filho, 2021).

Nesse contexto, os trabalhadores, através do sindicato se organizam e chamam um protesto virtual:



Fonte: Jornal Sintufrrj.

Em 2022, com a pandemia mais controlada e com a vacinação em massa em curso, a retomada da rotina presencial se deu e o sindicato pode voltar a retomar suas estratégias clássicas, todavia, muitas das ferramentas que utilizaram do período pandêmico, como o de mensagens instantâneas e algumas redes sociais, permanecem em uso.

Se verificou os ganhos e a agilidade na comunicação com a base que sua adoção trouxe, especialmente a publicação do jornal semanal no Portal do Sindicato na rede mundial de computadores e sua distribuição nos aplicativos de mensagem instantânea e nas redes sociais (Entrevistado 4HF).

Acompanhar e aplicar inovações tecnológicas no cotidiano sindical constitui-se, na visão dos entrevistados, em processo complexo. Portanto, os sindicatos tiveram que contratar profissionais da área de comunicação e informação com experiência na área de TICs de modo a se estabelecer, de fato, a disputa no ciberespaço, mas com a precedên-

cia do papel pedagógico. Sabe-se que o período da pandemia foi marcado pela infodemia e por *Fakes News*, esse contexto de embates ideológicos permanentes impõem a criação de políticas sindicais voltadas para esse novo território de resistências coletiva (Bruno et al., 2018).

[...] falando, fica simples, mas dominar as tecnologias para fazer chegar à informação no sindicalizado foi um processo difícil (Entrevistada 3MS).

“[...] nós fazíamos reunião em unidade que quando era presencial nós não reuníamos 15 pessoas. No online, nós fazíamos reunião com quase 80% da categoria daquele setor” (Entrevistada 3MS).

O emprego das tecnologias foi fator importante para o surgimento, publicização e consolidação de movimentos contestatórios que emergiram localmente, mas ganharam repercussão nacional e internacional. Parra (2018) e Sancho (2018), por exemplo, enumeram ocasiões em que foram usadas ferramentas tecnológicas para denunciar governos, chamar protestos, dar voz aos silenciados e mostrar os invisibilizados. Nesse sentido, pode-se destacar o uso de celulares para registros e as redes sociais para denúncias, como o assassinato de George Floyd, nos EUA em 2020. Esse episódio ganhou repercussão e se transformou em um movimento global chamado “*Black lives matter*”. No Brasil, em 2022, outra filmagem feita com celular denunciou a tortura e a morte provocada por agentes da Polícia Rodoviária Federal – PRF de Genivaldo de Jesus Santos. Material que foi utilizado

no processo de condenação dos agentes policiais.

Por certo, não há mais como dar as costas para o uso cada vez maior de tecnologias na sociedade e incorporá-las nas lutas populares, buscar suas potencialidades para a construção da contra-hegemonia política e social.

Saúde, arte e solidariedade como pauta da comunicação sindical

Retomando e reconhecendo a pauta da saúde como fundamental, especificamente da saúde mental, o sindicato, junto com os representantes da comunidade acadêmica, desenvolveu o projeto “A Arte de Ficar em Casa”. Nesse ponto convalidamos a assertiva teórica segundo a qual a saúde e as resistências coletivas empreendidas sob a liderança das organizações sindicais são formas de defesa da saúde (Laurell, Noriega, 1989). Certamente, as ações sindicais se destacam como estratégias de luta da classe trabalhadora, desempenhando um importante papel pedagógico para a saúde no contexto da pandemia de Covid-19.

[...] um projeto assinado pelo Sintufrj e AdUFRJ e apoiado pelo Fórum de Mobilização e Ação Solidária (Formas) – que reúne, além das duas entidades sindicais citadas, a Associação dos Pós-Graduandos (APG), o DCE Mário Prata e a Associação dos Trabalhadores Terceirizados da UFRJ (Attufrj). [...] palco virtual [...] de caráter solidário [...]. “Esse projeto faz parte de um ciclo de solidariedade de incentivo à arte e à cultura” (FORMAS, 2020b).



Fonte: Jornal SINTUFRJ.

Os ataques do Governo Federal à carreira dos servidores não cessaram, e os dirigentes começaram a buscar formas de se manifestar, mesmo diante de todas as medidas sanitárias. No segundo Boletim Especial do FORMAS, já se pautava um chamado à manifestação contra o Governo Bolsonaro. Fazendo alusão ao 15 de maio de 2019, que segundo a publicação teve adesão de mais de 2 centenas de milhares de trabalhadores, convocava os servidores a se manifestarem nas redes sociais “[...] com o isolamento social para preservar vidas, não teremos as ruas” (FORMAS, 2020b).



Fonte: Jornal SINTUFRJ.

Segundo os entrevistados, o Sindicato utilizou em torno de 18 ferramentas e estratégias para se manter ativo, protestando, reunindo-se, debatendo, atendendo seus associados, oferecendo serviços na esfera da

saúde, formando seus quadros, realizando assembleias, campanhas e protestos. Tudo seguindo as indicações sanitárias de isolamento e distanciamento social emanadas pelas autoridades sanitárias e pela ciência, sem colocar em risco a saúde dos seus dirigentes, trabalhadores e associados.

Vale destacar, por fim, a grande preocupação dos sindicatos com questões relacionadas, especificamente, à saúde dos trabalhadores de sua base no período pandêmico. O ponto alusivo ao nexos ocupacional entre condições de trabalho e Covid-19 teve como pressuposto que a doença é “presumivelmente relacionada ao trabalho” (Maeno, 2021). O reconhecimento desse nexos foi, certamente, um dos êxitos alcançados pelos movimentos sindicais em parceria com as universidades públicas e Centros de pesquisa no Brasil. Além disso, parece correto afirmar que o movimento sindical, em geral, atuou na defesa e no reconhecimento da importância do Sistema Único de Saúde (SUS) na pandemia (Trópia, 2022).

Considerações Finais

Nos materiais de campo, verificou-se o potencial que o sindicato desempenhou junto a sua base, especialmente em um momento tão difícil e inusitado que foi a pandemia. É inegável que sindicatos têm sofrido brutais ataques, que se tornaram mais sistemáticos e violentos a partir da adoção formal do neoliberalismo no país, contudo a pandemia ampliou as investidas em função das condições materiais e objetivas impostas nesse período. Nesse horizonte, a despeito do cenário tão desfavorável, sindicatos e centrais sindicais emergem como fronteiras, capazes de organizar a resistência dos trabalhadores aos

ataques do capitalismo, isto é, não há como prescindir deles.

Enquanto houver capitalismo haverá necessidade de se ter sindicatos, todavia é importante que se retome as indicações marxianas, segundo as quais o projeto sindical deva mirar para além do capital e até sua superação, tanto do capitalismo como dos próprios sindicatos. Ademais, entende-se que as ações sindicais devam incorporar pautas que hoje se colocam não mais como identitárias, mas sim como estruturantes, como raça e gênero.

Farsas e tragédias se repetem, todavia os intervalos entre esses fenômenos nos colocam a possibilidade de realização de análises para problematizar e entender o vivido. A divulgação dos resultados da presente pesquisa é uma tentativa de mostrar como há possibilidade de os movimentos de oposição se apropriarem das ferramentas digitais, usadas pelas classes dominantes, com a intenção de fortalecer o polo oposto. Trata-se de um fato inegável que as tecnologias da comunicação devem passar, categoricamente, por metamorfoses de modo a se tornarem ferramentas para ações políticas de caráter anticapitalistas, também, com o protagonismo de sindicatos de trabalhadores (Harvey, 2016). Por outro lado, sindicatos devem empreender novas lutas e ações contra os impactos do uso intensivo de tecnologias digitais no trabalho docente, considerando as consequências coletivas à saúde.

As tecnologias surgem e propiciam a troca do trabalho vivo pelo trabalho morto, a intensificação do ritmo de trabalho e a extensão da presença dele na vida de homens e mulheres, mas não perceber suas potencialidades para a luta de resistência, é aderir à falácia de que estamos no fim da história. Marx, no *18 Brumário* (1978), nos lembrava que o homem é sujeito da sua própria história, talvez não a que gostaria de escrever. **US**

Referências

- ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BANCO MUNDIAL. La enseñanza superior: las lecciones derivadas de la experiencia (El desarrollo em la práctica). Washington, DC.: **BIRD/Banco Mundial**, 1995.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BRANDÃO, C.; STRECK, D. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. São Paulo: Ideias & Letras; 2006.
- IBGE. **Pesquisa Nacional de Domicílio**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28666-em-2019-mesmo-com-expansao-da-ocupacao-sindicalizacao-segue-em-queda-no-brasil>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- BRUNO, F., CARDOSO, B., KANASHIRO, M., GUILHON, L. E MELGAÇO, L. **Tecnopolíticas de Vigilância**: perspectivas da Margem. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CHARLOT, B.; CAPUA, S. C.V. A. (2021). O Negacionismo: uma Crise Social da Relação com a “Verdade” na Sociedade Contemporânea. **Revista Internacional Educion**, v. 3, n. 2, e21023004, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47764/e21023004>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- CRARY, J. **Terra arrasada**: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- FORMAS. **Fórum de Mobilização e Ação Solidária**. Boletim Especial II. 26 maio de 2020a. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.adufrj.org.br/images/01-BOLETIM_FORMAS.pdf. Acesso em: 9 set. 2023.
- FORMAS. **Fórum de Mobilização e Ação Solidária**. Boletim Especial III. Jul/ago 2020b. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.adufrj.org.br/images/01-BOLETIM_FORMAS.pdf. Acesso em: 9 set. 2023.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Ed, Paz e terra. 2015.
- FIOCRUZ, **Fundação Oswaldo Cruz**. Documento sobre retorno às atividades escolares no Município do Rio de Janeiro em vigência da pandemia Covid-19. 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42926>. Acesso em: 1 jun. 2020.
- GILL, R. Análise do discurso. In: Martin W. Bauer; George Gaskell (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- GUARANY, A. M. B. Nova morfologia do trabalho, crise do sindicalismo e emancipação humana na contemporaneidade. Brasília: **Revista SER Social**, v. 18, n. 38, p. 220-241, jan.-jun./2016.
- HARVEY, D. **17 Contradições e o fim do capitalismo**. SP: Boitempo, 2016.
- HARVEY, D. **O enigma do capital**. SP: Boitempo Editorial, 2020.
- LAURELL, A.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde**: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MAENO, M. COVID-19 como uma doença relacionada ao trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. v. 46 e 54, 2021.
- MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.
- MARX, K. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: **Coleção Os pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.

Referências

- MARX, K. **O Capital**. SP: Ed. Civilização Brasileira, 2004.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 9ª edição, São Paulo: Hucitec Editora, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Ed. Hucitec Editora, 2014.
- MOREIRA, A. *et al.* A AS DUERJ como movimento sindical na pandemia: apresentando e debatendo lutas e ações necessárias. **Revista Advir**, n. 42. 2022. Disponível em: <https://asduerj.org/v7/wp-content/uploads/2023/07/42-49-1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Estratégias de vigilância para infecção humana com o vírus Covid-19: orientação provisória. 10 maio 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/332093>. Acesso em: 5 out. 2020.
- OREIRO, J. L.; FERREIRA-FILHO, H. L. A PEC 32 da Reforma Administrativa: Uma análise crítica. **Brazil Journal Politic Economy**. [Internet]. 2021Jul;41(3):487-506. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/djDvQj9mJ9xQS5RcWw8sVbq/#>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- PARRA, H. Z. M. Experiências com tecnoativistas: resistência na política do dividual? In: BRUNO, Fernanda *et al.* **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo. Ed. Boitempo, 2018.
- POCHMANN, M.; SILVA, L. C. **O Brasil no capitalismo do século XXI**: desmodernização e desencantamento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023.
- SANCHO, G. R. Multidões conectadas e movimentos sociais: dos zapatistas e do hackativismo à tomada das ruas e redes. In: BRUNO, Fernanda. *et al.* **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo. Ed. Boitempo, 2018.
- SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. **Além da fábrica**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- SINTUFRJ. **Jornal do SINTUFRJ**. Edição n. 1375, 2022a. Disponível em: www.sintufrj.org.br. Acesso em: 5 abr. 2023.
- SINTUFRJ. **Jornal do SINTUFRJ**. Os essenciais da UFRJ em tempos de pandemia. 2020b. Disponível em: <https://sintufrj.org.br/2020/11/os-essenciais-da-ufrj-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 2 dez. 2023.
- SINTUFRJ. **Defender a vida na pandemia**: por que não é hora de voltar. 2020c. Disponível em: <https://sintufrj.org.br/wp-content/uploads/2020/06/DEFENDER-A-VIDA-NA-PANDEMIA.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.
- SINTUFRJ. **Boletim dia a dia**. 2024. Disponível em: <https://sintufrj.org.br/boletim-dia-a-dia/>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- SOUZA, K.; RODRIGUES, A.; FERNANDEZ, V.; BONFATTI, R. A categoria saúde na perspectiva da saúde do trabalhador: ensaio sobre interações, resistências e práxis. **Saúde em debate**, 41 (Esp. 2), p. 254263, 2017. <https://doi.org/10.1590/0103-11042017S221>.
- SOUZA, K. R. *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e resistências coletivas em contexto pandêmico: a experiência de docentes da rede particular de educação. In: AFFONSO, Cláudia *et al.* (org.). **Trabalho docente sob fogo cruzado II**. 1 ed. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2021, v. II, p. 135-155.
- TRÓPIA, P. V. Nem deuses nem heróis: a ação sindical dos trabalhadores da saúde durante a pandemia de Covid-19. **Política & Sociedade** - Florianópolis - v. 20 - n. 48, 2021.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, 2014.